

Os determinantes do trabalho e do estudo: o caso do Rio Grande do Sul*

Tanise Brandão Bussmann**

*Doutora em Economia do
Desenvolvimento pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul (PUCRS), Professora da
Universidade Federal do Pampa*


Resumo

Neste artigo, serão utilizados os microdados do **Censo Demográfico 2010** para analisar os determinantes do trabalho e do estudo no Rio Grande do Sul. No período recente, há diversas análises dos “nem-nem”, que são jovens que nem trabalham nem estudam (ou procuram emprego). Serão utilizados os microdados do Censo para o Rio Grande do Sul e um modelo multinomial. Os resultados mostram que o perfil dos “nem-nem” no Rio Grande do Sul é semelhante ao do Brasil, o que é preocupante, pois trata-se de indivíduos residentes em domicílios com menores renda e nível de escolaridade.

Palavras-chave

Determinantes do trabalho e do estudo; modelo multinomial; Rio Grande do Sul

* Artigo recebido em jul. 2016 e aceito para publicação em jul. 2017.

 Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional.

Open Acces (Acesso Aberto)

Este trabalho foi apresentado no 8.º Encontro de Economia Gaúcha.

Revisora de Língua Portuguesa: Elen Jane Medeiros Azambuja

** *E-mail:* tanisebussmann@gmail.com

Abstract

In this paper, the author uses Census data to look into the determinants of work and study in Brazil. In the recent period, there have been several analyses of the so-called NEET generation (“nem-nem” in Brazil), who are the young people that are not in education, employment or training. To reach her goals, the author uses Rio Grande do Sul’s Census data and a multinomial approach. The results show that the profile of NEETs in Rio Grande do Sul is similar to the one in Brazil, which is concerning, because these people come from low-income households and have poor formal education.

Keywords

Determinants of work and study; multinomial model; Rio Grande do Sul

Classificação JEL: J01, N36

1 Introdução

Todos os indivíduos tomam decisões sobre a alocação do seu tempo. Becker (1965) expõe as decisões dos indivíduos. Cada um tem sua escolha entre as atividades de trabalho e lazer. O trabalho provê recursos de acordo com o número de horas trabalhadas, que são gastos em outras atividades. Há diversos fatores que são importantes nessa escolha: a mudança da renda total ou da produtividade ou mesmo a mudança de preços na economia. Para Becker (1965), as pessoas observam as oportunidades e usam essa informação para decidir o que fazer com seu tempo. Sendo assim, cada indivíduo enfrenta essa decisão. No período recente, diversos estudos, como o de Camarano e Kanso (2012), que utilizam dados do **Censo demográfico 2010**, mostram que alguns indivíduos nem trabalham e nem estudam.

Neste artigo, serão analisados os indivíduos entre 18 e 29 anos que estão no grupo que nem estuda e nem trabalha. Há outros estudos com um perfil etário semelhante, como o de Camarano e Kanso (2012) e o de Tillmann e Comim (2014). A escolha da idade a partir dos 18 anos foi realizada porque, no Brasil, essa é a idade mínima em que é possível concluir o ensino médio. Além disso, a educação é obrigatória nas idades entre 4 e 17

anos (BRASIL, 1996). Apesar da dificuldade da implementação da obrigatoriedade na década de 90, em que havia um problema grande em termos de oferta pública de educação (CURY; FERREIRA, 2010), as mudanças demográficas acabaram por reduzir esse problema, permitindo um aumento nas matrículas no período recente (BRASIL, 2014).

Este artigo tem quatro outras seções: na próxima, em que há uma breve revisão de literatura, o método econométrico é explicado; a seguir, há uma descrição da base de dados; após essa seção, seguem-se os resultados e sua discussão e, por fim, há a **Conclusão**. A contribuição deste artigo para a literatura do tema está em dois aspectos: em primeiro lugar, é utilizada a educação máxima do domicílio em vez da educação dos pais/da mãe. Essa escolha foi feita pela característica dos microdados brasileiros, uma vez que sempre é possível identificar a escolaridade máxima do domicílio, enquanto a escolaridade da mãe é identificada apenas quando a mãe reside no domicílio do indivíduo. O recorte geográfico realizado neste artigo está delimitado ao Estado do Rio Grande do Sul, para verificar se existem distinções entre esse e o caso brasileiro, que já foi objeto de outros estudos.

2 Revisão de literatura

O principal desenvolvimento teórico que permite a discussão dos resultados sobre as escolhas de alocação do tempo dos indivíduos vem de Becker (1965).

A existência de indivíduos jovens que nem trabalham nem estudam não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Observando essa questão em diversos países, incluindo ou não o Brasil, alguns autores fizeram contribuições (COLES *et al.*, 2010a; MENEZES-FILHO *et al.*, 2002; PARDO, 2012). Em Coles *et al.* (2010), há o cálculo do custo, tanto individual quanto social, dos jovens que nem estudam nem trabalham. Na Inglaterra, ao analisar indivíduos entre 16 e 18 anos, aproximadamente 16% dessa população nem estuda e nem trabalha. Coles *et al.* (2010) expõem que a preocupação com esses indivíduos decorre de eles pertencerem a grupos sociais excluídos, geralmente de famílias com menores renda e nível educacional, além de estarem ligados a outros problemas sociais, como a gravidez e o desemprego familiar. Na América Latina, essa relação entre os jovens “nem-nem” e a exclusão social também ocorre. Em termos da participação, vê-se que 7% dos bolivianos pertencem ao grupo que nem estuda e nem trabalha, ainda que esse seja o país com a menor participação. Nos demais países da América Latina, há, no mínimo, 12% de pessoas entre 16 e 18 anos nesse grupo (PARDO, 2012).

Uma análise preliminar utilizando os microdados do Censo foi realizada por Camarano e Kanso (2012), mostrando que há um incremento em termos dos homens que nem trabalham e nem procuram emprego ou estudam. Esse valor de indivíduos “nem-nem” atinge 17,2% da população entre 15 e 29 anos. Para Camarano e Kanso (2012), há consequências para o futuro, por causa da redução da acumulação de capital humano, pela ausência desse grupo de pessoas no ambiente escolar. Por esse motivo, os autores observam as características dos indivíduos nesse grupo, para definir um perfil e ver se eles estão em uma posição de vulnerabilidade ou não. Há diferenças no perfil de indivíduos que nem trabalham nem estudam: os homens geralmente são solteiros, e as mulheres, casadas e, provavelmente, atuam no desenvolvimento de atividades domésticas. Ao comparar os Censos 2000 e 2010, a proporção de mulheres casadas representa 41% do total de mulheres que não trabalham e nem estudam. Além disso, tanto homens quanto mulheres estão na população de menor renda e em domicílios com menor educação.

Corseuil, Santos e Foguel (2001) fazem uma análise para quatro países selecionados da América Latina, incluindo o Brasil, utilizando jovens entre 12 e 17 anos. Dividindo os indivíduos por gênero, os autores calculam um modelo multinomial, para verificar quais os fatores relacionados com a decisão de estudar, de trabalhar, de estudar e trabalhar e de nem estudar nem trabalhar. Para os autores, a escolaridade dos pais aumenta a probabilidade de os indivíduos estudarem. Além disso, há uma menor possibilidade de os jovens trabalharem em casas onde os pais estão empregados. A renda domiciliar não influencia de maneira significativa a probabilidade de estudar. Morar em áreas rurais reduz a probabilidade de estudar e aumenta a de trabalhar. Em domicílios onde há muitas crianças, a chance de haver dedicação exclusiva ao estudo é menor e também está relacionada a uma maior probabilidade de trabalhar, sendo esse efeito mais significativo no caso brasileiro.

Menezes-Filho *et al.* (2002), utilizando 17 países da América Latina e uma amostra de indivíduos entre 12 e 17 anos, calculam a probabilidade de o adolescente estar no mercado de trabalho, de estudar, de estar simultaneamente no mercado de trabalho e estudar ou de não estar nem no mercado de trabalho nem estudar. Os autores descobriram que o aumento da escolaridade dos pais leva a um aumento da probabilidade de o indivíduo estudar e reduz a de todas as outras opções, com um efeito mais forte para a de levá-lo a apenas trabalhar. A renda total influencia os indivíduos mais velhos, aumentando a chance de fazê-los apenas estudar e reduzindo a de apenas trabalharem. O número de crianças pequenas no domicílio reduz a probabilidade de o jovem apenas estudar e aumenta a de trabalhar. Tam-

bém foram incluídas variáveis macroeconômicas: os autores observaram que, quando se inclui o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, aumenta a probabilidade de os indivíduos estudarem e não trabalharem e reduz a de apenas trabalharem e não estudarem. O desemprego dos jovens aumenta a probabilidade de eles apenas estudarem, tornando essa alternativa mais provável.

Leme e Wanjman (2000) usam a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1998, para observar indivíduos entre 12 e 19 anos, utilizando um modelo multinomial. As autoras encontram uma relação positiva entre a probabilidade de estudarem, a renda familiar e pais com mais educação formal. Além disso, o número de crianças no domicílio e o gênero (masculino) reduzem a probabilidade de estudarem e aumenta a de apenas trabalharem. Ao observar os indivíduos que nem trabalham e nem estudam, esses geralmente são mulheres e estão em famílias maiores. Nos últimos anos, nota-se um incremento significativo de indivíduos nessa categoria, que estuda e trabalha.

Tillmann e Comim (2014), com dados da PNAD de 2011 e um modelo multinomial, calculam a probabilidade de os indivíduos trabalharem, de estudarem, de trabalharem e estudarem ou de não fazerem nenhuma das duas atividades. Analisando indivíduos entre 15 e 29 anos, os autores descobriram que a idade tem uma relação negativa com a probabilidade associada apenas ao estudo, além de ser uma variável bastante importante para o caso em que o indivíduo apenas trabalha. Indivíduos brancos têm uma probabilidade menor de trabalhar apenas e de nem estudar nem trabalhar. Os indivíduos casados apresentam uma menor probabilidade de estudar. Quanto menos educação os indivíduos têm, maior a chance de estarem no grupo daqueles que nem estudam nem trabalham. Quanto aos indivíduos que têm entre 11 e 14 anos de escolaridade, há mais chances de estarem trabalhando e estudando, sendo mais forte a relação para as mulheres. A educação dos pais tem uma relação negativa com a escolha por não estudar nem trabalhar. No caso específico do gênero feminino, a probabilidade de estar no grupo “nem-nem” aumenta com a maternidade. Apesar disso, mulheres com filhos têm uma probabilidade maior de trabalhar. Com relação à região, mulheres que estão na área rural apresentam uma maior probabilidade de estar no grupo “nem-nem”. Para Tillmann e Comim (2014), há uma maior chance de mulheres estarem no grupo “nem-nem”; porém, ao incluir o trabalho doméstico, isso se modifica, então, nesse caso, é mais provável que as mulheres trabalhem.

3 Método econométrico

No modelo básico, cada indivíduo tem quatro opções de alocação do tempo: estudar, trabalhar (em todos os casos, são considerados como se estivessem no grupo que diz respeito ao trabalho tanto os indivíduos que estão procurando emprego quanto os já empregados, ou seja, os economicamente ativos), estudar e trabalhar ou nem estudar nem trabalhar. Com o propósito de estimar tal modelo, é preciso calcular uma função que expresse a probabilidade de cada uma das alternativas. Tal modelo pode ser descrito por (1), em que j indica cada uma das alternativas (CAMERON; TRIVEDI, 2012).

$$p_j = \Pr[y = j], j = 1, \dots, m \quad (1)$$

É possível representar o modelo descrito em (1) como três modelos de escolha binária, em que, para cada variável de resposta, a alternativa é descrita por (2). Uma das categorias é utilizada como base, nesse caso.

$$y_j = \begin{cases} 1 & \text{if } y = j \\ 0 & \text{if } y \neq j \end{cases} \quad (2)$$

Quando a alternativa j é observada, o valor de y é igual a 1. Nos outros casos, y é igual a zero. Pode ser visto que y é 1 em apenas um caso, e zero nos demais. Por causa dessa propriedade, é possível usar uma densidade multinomial para calcular a densidade para as observações, que é descrita em (3).

$$f(y) = p_1^{y_1} x \dots x p_m^{y_m} = \prod_{j=1}^m p_j^{y_j} \quad (3)$$

Para cada indivíduo, é possível calcular a probabilidade de escolha de todas as alternativas, o que pode ser descrito em (4).

$$p_{ij} = \Pr[y = j] = F_j(x_i\beta), \beta_j = 1 \dots m, i = 1 \dots N \quad (4)$$

em que F_j é uma função de probabilidade, calculada para cada alternativa. É utilizado um modelo *logit* multinomial para calcular a probabilidade. Nesse caso, a probabilidade p_{ij} pode ser calculada conforme (5).

$$p_{ij} = \frac{e^{x_{ij}\beta}}{\sum_{l=1}^m e^{x_{il}\beta}}, j = 1 \dots m \quad (5)$$

Há a restrição que todas as probabilidades somem 1. A interpretação dos coeficientes pode ser realizada como se se estivesse calculando as probabilidades marginais. Também é possível calcular cada valor que as variáveis assumem, ou seja, em cada caso específico, pode-se verificar como ocorre a mudança. Nesse caso, é realizado o cálculo da elasticidade. Neste artigo, utilizou-se a probabilidade marginal, em que os resultados

indicados mostram a razão de risco. Sendo assim, a interpretação é feita da seguinte forma: ao realizar a comparação entre dois indivíduos iguais em todas as características, exceto em uma (aquela cujo coeficiente se está calculando), essa característica pode alterar a ocorrência do evento de interesse. Sendo assim, esse coeficiente mostra como aquela característica modifica a probabilidade quando é alterada, em média. Quando a razão de chances é maior do que 1, há um aumento da probabilidade de ocorrência daquele valor de y . O oposto ocorre quando o valor é menor.

4 Base de dados e estatísticas descritivas

A base de dados são os microdados do **Censo demográfico 2010** (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). São utilizados os microdados de indivíduos. Para conseguir analisar os fatores relacionados com a escolha individual de trabalhar, estudar, trabalhar e estudar ou nem trabalhar nem estudar, decidiu-se utilizar apenas os indivíduos com idades entre 18 e 29 anos. Aqui, entende-se que o que importa é o fato de a pessoa estar economicamente ativa, independentemente de ter um emprego ou não, ou seja, se a pessoa está trabalhando ou procurando emprego, considera-se que ela é economicamente ativa e, por simplicidade, utiliza-se a terminologia de que ela trabalha. Essa definição é mais ampla do que considerar apenas as pessoas que trabalham e foi utilizada para captar exatamente também aqueles que estão dispostos a trabalhar. Essa definição para a delimitação dos indivíduos que estão no mercado de trabalho também foi utilizada em Menezes-Filho *et al.* (2002).

As variáveis que serão utilizadas do domicílio são: o número de crianças (de até 10 anos) na residência, o número de pessoas morando sob o mesmo teto e o número de pessoas da habitação que trabalham. Além disso, a escolaridade máxima do domicílio foi introduzida com duas *dummies*, uma para indicar se é de, no mínimo, ensino médio completo, e outra que indica se é de ensino superior. A escolha de utilizar a escolaridade máxima da residência foi feita para que a amostra continuasse com um tamanho considerável, levando em conta todos os indivíduos do Rio Grande do Sul com idade entre 18 e 29 anos. Geralmente, os estudos consideram a escolaridade da mãe, mas só é possível obter tal informação quando a mãe reside no mesmo domicílio. Sendo assim, todos os indivíduos que não residem no mesmo local que a mãe seriam excluídos da amostra. Nesse sentido, foi realizada a opção pela escolaridade máxima do domicílio. Também se utilizou uma *dummy* que indica se a residência está situada na área urbana e a renda média *per capita*, levando em consideração todas as fontes.

Algumas características individuais foram incluídas: uma *dummy* que indica se a pessoa é negra ou parda; uma *dummy* de gênero, que assume o valor 1 se a pessoa é do gênero feminino; uma variável que indica o estado civil (foi utilizada a declaração de viver com companheiro, para conseguir captar todos os casamentos, inclusive os informais); uma *dummy* que indica o fato de a pessoa ter migrado, que assume o valor 1 se ela nasceu no mesmo município onde reside e zero, caso contrário; uma variável de idade e outra de idade ao quadrado. Também foram utilizadas *dummies* para indicar se a pessoa completou o ensino médio ou o ensino superior. A última variável indica o fato de a pessoa ter filhos. As análises serão realizadas levando em conta toda a amostra e, então, será separada por gênero.

Quadro 1

Variáveis explicativas usadas

VARIÁVEL	FORMA DE CALCULAR
NCrianças	Número de crianças com menos de 10 anos no domicílio
EscDomicSup	Assume o valor 1 quando o valor mais alto de escolaridade no domicílio é ensino superior (caso contrário, é 0)
EscDomicMed	Assume o valor 1 quando o valor mais alto de escolaridade no domicílio é ensino médio (caso contrário, é 0)
Ntrabalhadores	Número de pessoas no domicílio que estão trabalhando ou procurando emprego
NPessoas	Número de pessoas residindo no domicílio
LRendDomic	Soma de todos os rendimentos <i>per capita</i> do domicílio, em logaritmo
Urbana	Indica, com o valor 1, se a variável está em área urbana (caso contrário, é 0)
Mulher	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa é do gênero feminino (caso contrário, é 0)
Negro	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa é negra ou parda (caso contrário, é 0)
Casada	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa é casada (caso contrário, é 0)
Idade	Idade em anos
Idade2	Idade em anos ao quadrado
Filho (1)	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa tem ou teve filhos (caso contrário, é 0)
EnsinoMed	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa concluiu o ensino médio (caso contrário, é 0)
EnsinoSup	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa concluiu o ensino superior (caso contrário, é 0)
NascMunic	Variável <i>dummy</i> que assume o valor 1 se a pessoa nasceu no mesmo município em que está respondendo ao questionário (caso contrário, é 0)

NOTA: Elaboração própria.

(1) Como essa variável só foi coletada para mulheres, tal informação só foi incorporada no modelo do gênero feminino.

As estatísticas descritivas estão na Tabela 1. Como pode ser visto, a idade ficou, em média, em 23 anos, com metade da amostra sendo composta por mulheres. Apenas 17% dos indivíduos declararam ser negros ou pardos. Quando se olha a escolaridade, vê-se que 53% dos indivíduos concluiu o ensino médio, enquanto 8% concluiu o ensino superior. Com relação ao estado civil, vê-se que 44% da amostra é composta de indivíduos casados, enquanto 20% declararam ter tido filhos. Essa última variável é viesada para baixo, uma vez que apenas as mulheres responderam às questões de fecundidade no **Censo Demográfico 2010**.

Tabela 1

Estatísticas descritivas para a amostra, para o Rio Grande do Sul — 2010

VARIÁVEL	TODA A AMOSTRA		GÊNERO MASCULINO		GÊNERO FEMININO	
	Média	Desvio- -Padrão	Média	Desvio- -Padrão	Média	Desvio- -Padrão
Idade	23,55	3,45	23,53	3,46	23,57	3,45
Idade2	566,49	162,80	565,53	162,87	567,44	162,74
Ncrianças	0,55	0,84	0,45	0,77	0,66	0,89
Ntrabalhadores	2,10	1,20	2,19	1,24	2,02	1,15
Npessoas	3,67	1,65	3,69	1,67	3,65	1,62
Urbana	0,88	0,33	0,87	0,33	0,89	0,32
Negro	0,17	0,38	0,18	0,38	0,16	0,37
Mulher	0,50	0,50	0,00	0,00	1,00	0,00
Casado	0,44	0,50	0,37	0,48	0,51	0,50
Ensinomed	0,53	0,50	0,48	0,50	0,58	0,49
Ensinosup	0,08	0,27	0,06	0,24	0,10	0,30
Filho	0,20	0,40	0,00	0,00	0,40	0,49
Escdomicsup ...	0,17	0,37	0,15	0,36	0,18	0,38
Escdomicmed ..	0,65	0,48	0,63	0,48	0,67	0,47
Renddomic	896,06	1.814,00	907,99	1.640,07	884,15	1972,19
Nascmunic	0,66	0,48	0,67	0,47	0,65	0,48

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

Quando se observam as variáveis do domicílio, vê-se que, usualmente, o domicílio tem quatro indivíduos, sendo que há menos de um jovem por residência e, em média, dois trabalhadores. Também se pode observar que 17% das residências têm pelo menos uma pessoa com ensino superior completo e 53% com, no mínimo, ensino médio. 88% das residências estão localizadas em área urbana, e a renda média *per capita* é de R\$ 896,00.

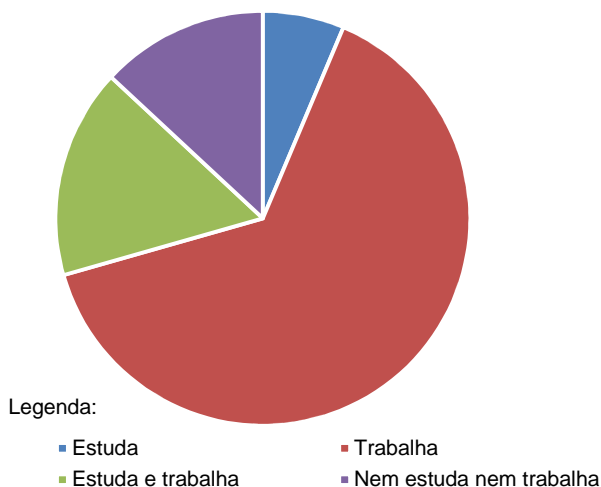
Na Tabela 1 também se pode analisar as diferenças entre homens e mulheres. Vê-se que há bastante homogeneidade nas duas amostras. Com relação às diferenças, as mulheres estão em famílias com um maior número de crianças, uma parcela maior está casada e sua escolaridade é superior a

dos homens. As residências das mulheres da amostra apresentam indivíduos com uma escolaridade maior, mas uma renda inferior a dos homens.

As escolhas em termos de alocação do tempo estão expostas no Gráfico 1. A categoria que será utilizada como base é estar apenas estudando. Tal categoria representa 6,4% do total da amostra. A grande maioria da amostra está na categoria que apenas trabalha (que engloba quem efetivamente trabalha ou está procurando emprego), o que representa 64% dos resultados. Além disso, 16% dos indivíduos trabalham e estudam e 13% nem trabalham e nem estudam.

Gráfico 1

Distribuição da alocação do tempo em atividades de estudo e trabalho, no RS – 2010



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

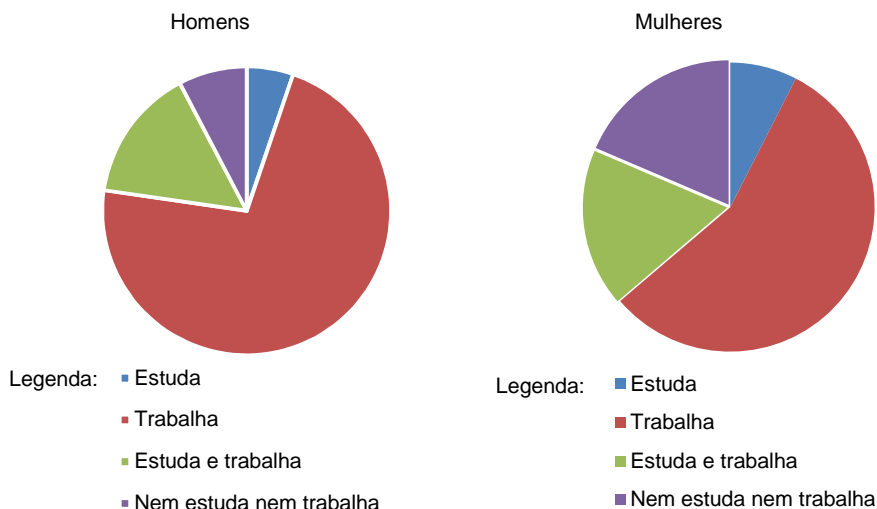
O Gráfico 2 mostra a distribuição da alocação do tempo de acordo com o gênero. Vê-se que os homens estão mais concentrados no grupo que apenas trabalha, com 72% da amostra masculina nesse grupo. O segundo grupo com maior participação é o dos homens que trabalham e estudam, em que se localiza 15% do total da amostra. Então, há a concentração entre os que não trabalham e nem estudam, com 7,7% da amostra. Por fim, encontram-se os homens que apenas estudam, que representam 5,2% da amostra. Percebe-se que, na faixa etária de 18 a 29 anos, apenas 20% dos jovens do gênero masculino estão estudando.

Ainda com relação ao Gráfico 2, pode-se ver que as mulheres apresentam uma alocação do tempo diferente da dos homens. Pode-se observar

que a grande maioria também está no grupo que apenas trabalha, totalizando 56% da amostra (15 pontos percentuais a menos do que os homens). Também se observa que o segundo grupo é composto pelas mulheres que nem trabalham e nem estudam, que são 18,6% do total da amostra de mulheres do Censo Demográfico. O terceiro grupo é composto por indivíduos que se dedicam a atividades de trabalho e estudo e representa 17,7% do total da amostra do gênero feminino; por fim, 7,5% das mulheres apenas estudam. Podem-se observar diferenças fundamentais entre as escolhas dos homens e das mulheres no Rio Grande do Sul: 25% do total das mulheres entre 18 e 29 anos estudam, o que indica uma participação 5 pontos percentuais superior a dos homens. Também se vê que a participação feminina no mercado de trabalho é de aproximadamente 74% do total da amostra, valor que é 13 pontos percentuais superior ao da amostra masculina. A concentração de mulheres que nem trabalham e nem estudam é 11 pontos percentuais superior a da amostra masculina, mostrando uma diferença bastante discrepante entre os grupos.

Gráfico 2

Distribuição da alocação do tempo em atividades de estudo e trabalho por gênero, no RS – 2010



FONTES DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

As Tabelas 2 e 3 expõem as diferenças de educação das famílias e das pessoas nos grupos de escolaridade. Pode-se observar que os indivíduos que têm maior educação formal estão no grupo que estuda e trabalha,

em que 67% têm ensino médio completo. Então, há o grupo que não estuda e apresenta 57% de conclusão do ensino médio. O grupo que apenas trabalha apresenta 50% de término do ensino médio e, por fim, vê-se que 32% daqueles que nem trabalham nem estudam têm ensino médio completo. A ordenação para os indivíduos com nível superior se mantém igual a do ensino médio, sendo que, novamente, a diferença entre o grupo com maior conclusão dos ensinos superior e médio e o menor grupo é de mais de cinco pontos percentuais.

Com relação à escolaridade no domicílio, pode-se observar que há uma concentração de indivíduos que não trabalham e não estudam em residências onde o nível de escolaridade é menor, em termos de conclusão dos ensinos médio e superior. O grupo que trabalha e estuda e tem, no mínimo, ensino médio representa 79% das residências desse grupo, e 24% apresentam também, no mínimo, uma pessoa do domicílio com conclusão do ensino superior. O grupo que apresenta uma maior participação de residências com ensino superior completo é o daqueles que só estudam, em 29% do total da amostra desse grupo. Vê-se, novamente, que o grupo que nem trabalha nem estuda vem dos lares com menor escolaridade, onde a conclusão do ensino médio por, no mínimo, uma pessoa está em 43% e, do ensino superior, 7,73%.

Tabela 2

Estatísticas descritivas de trabalho e educação de acordo com os grupos de escolaridade, no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	(%)			
	SÓ ESTUDA	SÓ TRABALHA	ESTUDA E TRABALHA	NEM ESTUDA E NEM TRABALHA
Ensino superior	5,22	7,96	8,86	3,08
Ensino médio	57,24	50,30	67,66	31,99
Domicílio — ensino superior	29,21	12,29	24,61	7,73
Domicílio — ensino médio	72,57	61,64	79,05	43,45

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

A Tabela 3 apresenta as mesmas informações da Tabela 2, porém realiza uma divisão por gênero. Pode-se observar que, entre o grupo daqueles que só trabalham, 5% dos homens concluíram o ensino superior, *vis-à-vis* 11,8% das mulheres. Além disso, 10,65% das mulheres que trabalham e estudam apresentam ensino superior completo, enquanto, para o gênero masculino, esse percentual é de 6,8%. Entre os indivíduos que só estudam, 4,6% dos homens e 5,7% das mulheres concluíram o ensino superior. No grupo que não trabalha e não estuda, 3,16% das mulheres e 2,9% dos homens terminaram o ensino superior. Ao observar a conclusão do ensino

médio, o grupo feminino com maior índice é o dos que estudam e trabalham, em que 73% apresentam ensino médio completo. Com relação aos homens, esse grupo também é o que tem maior conclusão, com 61%. Então, há o grupo que só estuda, de ambos os sexos, em que 54% dos homens e 59,5% das mulheres terminaram o ensino médio. O grupo que apresenta menor participação de concluintes é composto por aqueles que nem estudam nem trabalham, com índices de 30,8% para os homens e 32,5% para as mulheres.

Tabela 3

Estadísticas descritivas de trabalho e educação de acordo com os grupos de escolaridade e gênero, no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	GÊNERO MASCULINO				GÊNERO FEMININO			
	Só Estuda	Só Trabalha	Estuda e Trabalha	"Nem-nem"	Só Estuda	Só Trabalha	Estuda e Trabalha	"Nem-nem"
Ensino superior	4,61	5,00	6,80	2,90	5,65	11,83	10,65	3,16
Ensino médio	54,09	43,85	61,09	30,83	59,47	58,71	73,36	32,48
Domicílio — ensino superior	31,27	10,10	24,64	9,72	27,75	15,16	24,58	6,89
Domicílio — ensino médio	71,93	58,22	75,31	43,92	73,02	66,12	82,29	43,25

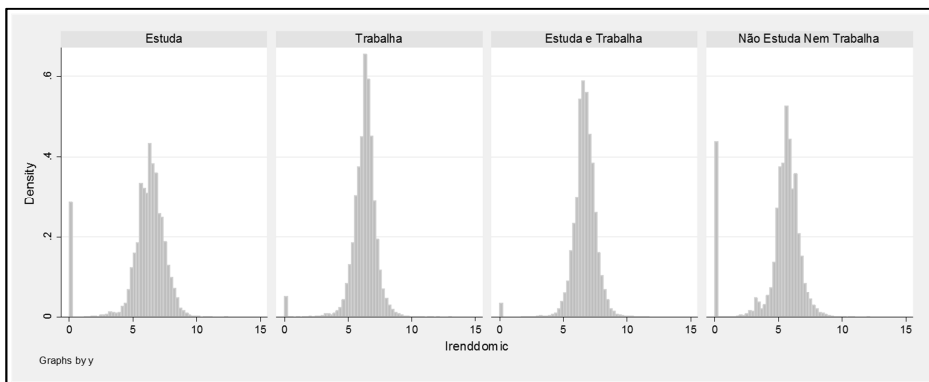
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

Ao analisar o perfil domiciliar, a maior participação de conclusão do ensino superior está nas residências onde os jovens se dedicam apenas ao estudo. Para as mulheres, o término do ensino superior por, no mínimo, um membro do domicílio representa 27,8% do grupo, e, para os homens, 31%. Em termos de conclusão do ensino médio, esse grupo é o que apresenta a segunda maior taxa, com 72% para os homens e 73% para as mulheres. O grupo que apresenta a maior taxa de término do ensino médio domiciliar é o de jovens que estudam e trabalham, representando 82,3% da amostra feminina e 75% da amostra masculina. Os indivíduos que nem trabalham nem estudam estão em domicílios onde as pessoas têm, em média, menos educação formal: a conclusão do ensino superior por, no mínimo, um integrante do domicílio é de 6,9% para as mulheres e de 9,7% para os homens. Com relação ao ensino médio, essa taxa é de 43,9% para os homens e de 43,3% para as mulheres. Com isso, pode-se verificar a existência de diferenças em termos da composição da escolaridade domiciliar nas diferentes escolhas por trabalho e estudo.

Por fim, apresentam-se as Figuras 1 e 2, que mostram a distribuição dos rendimentos totais *per capita* em logaritmo, de acordo com a alocação de tempo. Ao realizar a transformação do rendimento para logaritmo, todos os domicílios com rendimento zero ficaram com *missing*. Então, esses valores foram substituídos por zero. Como se pode ver, há uma incidência bastante grande de zeros, principalmente no grupo que nem trabalha e nem estuda. Esse é o grupo que tem menor média em termos de rendimentos. Quanto à média, o grupo dos indivíduos que nem trabalham e nem estudam apresenta os menores rendimentos, com R\$ 429,00. O grupo com maior média é o que contém indivíduos que trabalham e estudam, em que o valor ficou em R\$ 1.144,00.

Figura 1

Distribuição do rendimento domiciliar *per capita* (em logaritmo) de acordo com a alocação do tempo em atividades de estudo e de trabalho, no RS — 2010

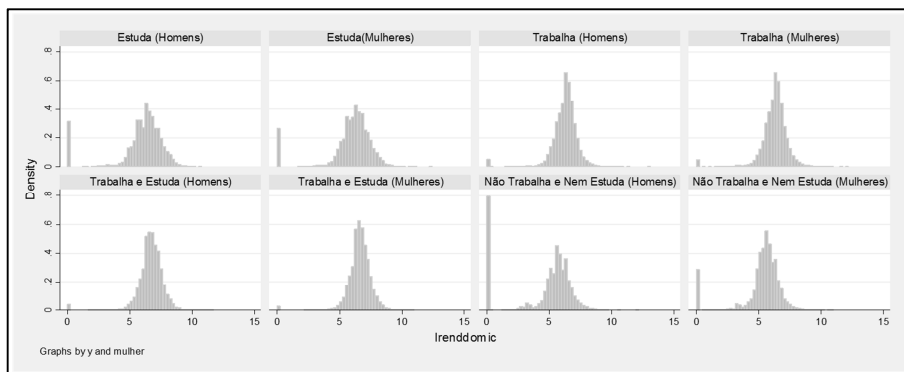


FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

A Figura 2 expõe a distribuição de rendimentos de acordo com a alocação do tempo e o gênero. Pode-se verificar, novamente, uma incidência grande de zeros no grupo que nem trabalha nem estuda, principalmente para os homens e para o grupo que apenas estuda. Vê-se que a distribuição de rendimentos de acordo com as escolhas de tempo apresenta semelhanças para os dois gêneros. As médias seguem o mesmo ordenamento, quando se analisa a amostra completa, no entanto, os valores são sempre levemente inferiores para as mulheres.

Figura 2

Distribuição do rendimento domiciliar *per capita* (em logaritmo) de acordo com a alocação do tempo em atividades de estudo e de trabalho por gênero, no RS — 2010



FONTES DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

5 Resultados e discussão

Os resultados estão expostos nas Tabelas 4 e 5. Nos modelos da Tabela 4, foi utilizada toda a amostra, um deles com a inclusão da *dummy* de gênero e outro não. Em ambas as tabelas, os resultados estão demonstrados em termos de probabilidades marginais, tendo como base a probabilidade de apenas estudar. Inicialmente, serão comentados os resultados relativos às características do domicílio e, então, as características individuais.

Vê-se que o número de crianças residentes no domicílio aumenta a probabilidade de o indivíduo se dedicar às alternativas ao estudo, sobretudo, ao trabalho. Esse resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por Corseuil, Santos e Foguel (2001) e por Menezes Filho *et al.* (2002). O número de trabalhadores incrementa a chance de o indivíduo apenas trabalhar e de trabalhar e estudar, em relação à alternativa ao estudo. No entanto, quanto maior o número de trabalhadores, menor a chance de a pessoa nem trabalhar nem estudar. O número de pessoas na residência reduz a probabilidade de o indivíduo trabalhar ou de trabalhar e estudar, enquanto incrementa a de o indivíduo nem trabalhar nem estudar, quando comparada com a dedicação ao estudo.

A residência urbana aumenta as chances de dedicação ao trabalho e também as das demais alternativas, sendo mais relevante quando comparada ao caso de o indivíduo nem trabalhar nem estudar. Esse último resultado é semelhante ao obtido por Tillmann e Comim (2014). A renda domiciliar é uma variável que foi significativa apenas quando se comparou a opção

de trabalhar e estudar em relação a somente estudar, incrementando a probabilidade do primeiro caso, e, também, quando se compara a dedicação apenas ao estudo com a probabilidade de nem trabalhar nem estudar, reduzindo a probabilidade dessa última. A escolaridade máxima do domicílio aumenta a probabilidade de o indivíduo estar apenas estudando, com maior magnitude quando há pelo menos um indivíduo com ensino superior na residência. Esse resultado também foi obtido por Corseuil, Santos e Foguel (2001).

Tabela 4

Probabilidade marginal de trabalhar e de estudar no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	Trabalho	Trabalho e Estudo	Nem- -Nem	Trabalho	Trabalho e Estudo	Nem- -Nem
Idade	(1) 2,53	(1) 1,34	(1) 1,55	(1) 2,42	(1) 1,31	(1) 1,58
Desvio-padrão .	0,11	0,06	0,07	0,11	0,06	0,07
Idade2	(1) 0,98	(1) 0,99	(1) 0,99	(2) 0,98	(2) 0,99	(2) 0,99
Desvio-padrão .	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,00
Ncrianças	(1) 2,23	(1) 1,86	(1) 1,44	(1) 2,64	(1) 2,05	(1) 1,37
Desvio-padrão .	0,04	0,03	0,02	0,04	0,04	0,02
Ntrabalhadores ...	(1) 5,30	(1) 5,36	(1) 0,80	(1) 5,64	(1) 5,59	(1) 0,77
Desvio-padrão .	0,06	0,07	0,01	0,07	0,08	0,01
Npessoas	(1) 0,50	(1) 0,49	1,00	(1) 0,47	(1) 0,47	(1) 1,04
Desvio-padrão .	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Urbana	(2) 1,07	(1) 1,95	(1) 0,74	(1) 1,11	(1) 1,97	(1) 0,76
Desvio-padrão .	0,02	0,05	0,02	0,03	0,05	0,02
Negro	(1) 1,45	(1) 1,17	(1) 1,31	(1) 1,44	(1) 1,17	(1) 1,33
Desvio-padrão .	0,04	0,03	0,03	0,04	0,03	0,03
Mulher	-	-	-	(2) 0,27	(1) 0,52	(1) 1,37
Desvio-padrão .	-	-	-	0,00	0,01	0,03
Casado	(1) 3,49	(1) 1,54	(1) 5,26	(1) 4,31	(1) 1,68	(1) 5,30
Desvio-padrão .	0,09	0,04	0,15	0,12	0,05	0,15
Ensinomed	(1) 1,21	(1) 1,51	(2) 0,92	(1) 1,56	(1) 1,69	(1) 0,89
Desvio-padrão .	0,03	0,04	0,03	0,04	0,05	0,03
Ensinosup	(1) 5,73	(1) 2,24	(1) 1,83	(1) 7,86	(1) 2,59	(1) 1,74
Desvio-padrão .	0,27	0,11	0,10	0,38	0,13	0,10
Escdomicsup	(1) 0,12	(1) 0,32	(1) 0,34	(1) 0,11	(1) 0,30	(1) 0,35
Desvio-padrão .	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
Escdomicmed	(1) 0,50	(1) 0,67	(1) 0,56	(1) 0,47	(1) 0,66	(1) 0,58
Desvio-padrão .	0,01	0,02	0,01	0,01	0,02	0,02
Lrenddomic	0,99	(1) 1,22	(1) 0,92	1,00	(1) 1,24	(1) 0,91
Desvio-padrão .	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00
Nascmunic	(1) 0,94	0,99	(2) 0,95	(1) 0,93	0,99	0,96
Desvio-padrão .	0,01	0,02	0,02	0,01	0,02	0,02
Constante	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,00
Desvio-padrão .	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
N	262106	262106	262106	262106	262106	262106
Pseudo R2	0.2477	0.2477	0.2477	0,2725	0,2725	0,2725

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

(1) Significância a 1%. (2) Significância a 5%.

A idade aumenta a probabilidade de dedicação às alternativas ao estudo, com uma ênfase maior para o trabalho. Esse resultado já havia sido encontrado previamente por Tillmann e Comim (2014). Com relação à cor, vê-se que indivíduos negros têm uma probabilidade menor de se dedicar apenas ao estudo. Esse efeito é mais forte para o caso de dedicação exclusiva ao trabalho ou de nem trabalhar nem estudar. Uma maior probabilidade de indivíduos de cor negra se dedicarem apenas ao trabalho ou de estarem no grupo que nem trabalha e nem estuda já havia sido observada por Tillmann e Comim (2014). O estado civil modifica, de maneira bastante significativa, a probabilidade de dedicação ao estudo, com ênfase para o caso em que o indivíduo nem trabalha e nem estuda. Nesse caso, essa variável é a que apresenta a maior magnitude do coeficiente e também é uma das maiores, quando a alternativa é o trabalho. Nos dois casos, há a redução da probabilidade de o indivíduo se dedicar apenas ao estudo.

Com relação à escolaridade, concluir o ensino médio aumenta a probabilidade de dedicação ao trabalho ou ao trabalho e ao estudo e de concluir o ensino superior também. Nesse último caso, o incremento é muito significativo e se aplica às três alternativas ao estudo. O fato de nascer no município aumenta a probabilidade de o indivíduo se dedicar exclusivamente ao estudo; no entanto, o coeficiente não é estatisticamente significativo em todos os casos, além de a modificação apresentar uma magnitude pequena. Com relação ao gênero, a inclusão dessa variável não altera o sinal de nenhum coeficiente. Também se vê que as mulheres têm uma chance maior de estarem apenas estudando, em relação às opções de estudar ou de estudar e trabalhar. No entanto, o gênero feminino apresenta uma maior probabilidade de não estar nem trabalhando nem estudando. Uma maior probabilidade de o gênero masculino se dedicar ao trabalho já havia sido verificada na literatura por Leme e Wanjman (2000) bem como por Tillmann e Comim (2014). Na Tabela 5 são expostos os resultados para mulheres e homens de maneira separada. Sendo assim, é possível analisar de que maneira as variáveis afetam homens e mulheres. Para as mulheres, é realizada a inclusão da variável filho, que é uma *dummy* que indica o fato de a mulher ter filhos.

Com relação às variáveis da residência, vê-se que o número de crianças segue incrementando a probabilidade de participação dos grupos alternativos ao estudo de maneira bastante homogênea entre os gêneros. O número de trabalhadores apresenta um aumento na probabilidade de dedicação ao trabalho e ao trabalho e ao estudo, com uma magnitude mais forte para as mulheres. A redução de probabilidade de pertencer ao grupo que nem trabalha e nem estuda também é mais forte para as mulheres, em todos os casos, quando o grupo-base dedica-se apenas ao estudo.

Tabela 5

Probabilidade marginal de o indivíduo trabalhar e estudar, por gênero, no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	GÊNERO MASCULINO			GÊNERO FEMININO		
	Trabalho	Trabalho e Estudo	Nem-Nem	Trabalho	Trabalho e Estudo	Nem-Nem
Idade	(1) 2,87	(1) 1,38	(1) 1,47	(1) 2,02	(1) 1,31	(1) 1,45
Desvio-padrão	0,20	0,10	0,11	0,12	0,08	0,09
Idade2	(1) 0,98	(1) 0,99	(1) 0,99	(1) 0,98	(2) 0,99	(2) 0,99
Desvio-padrão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ncrianças	(1) 2,39	(1) 2,11	(1) 1,10	(1) 2,36	(1) 2,16	(1) 1,09
Desvio-padrão	0,07	0,07	0,03	0,06	0,06	0,02
Ntrabalhadores ..	(1) 4,98	(1) 4,99	(1) 0,86	(1) 6,80	(1) 6,58	(1) 0,65
Desvio-padrão	0,09	0,10	0,01	0,14	0,14	0,01
Npessoas	(1) 0,51	(1) 0,51	(1) 1,04	(1) 0,41	(1) 0,42	(1) 1,14
Desvio-padrão	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01
Urbana	0,96	(1) 1,82	(1) 0,70	(1) 1,25	(1) 2,03	(1) 0,82
Desvio-padrão	0,03	0,08	0,03	0,04	0,08	0,03
Negro	(1) 1,48	(1) 1,22	(1) 1,37	(1) 1,42	(1) 1,12	(1) 1,30
Desvio-padrão	(0,06)	0,05	0,06	0,05	0,04	0,05
Casado	(1) 13,3	(1) 5,67	(1) 2,91	(1) 2,13	(2) 0,91	(2) 6,49
Desvio-padrão	(0,95)	0,41	0,22	0,07	0,03	0,24
Ensinomed	(1) 1,23	(1) 1,50	(1) 0,76	(1) 2,00	(1) 1,75	(1) 1,12
Desvio-padrão	0,05	0,07	0,03	0,08	0,08	0,05
Ensinosup	(1) 4,56	(1) 2,03	(1) 1,36	(1) 9,93	(1) 2,72	(1) 2,43
Desvio-padrão	(0,34)	0,16	0,13	0,63	0,17	0,18
Escdomicsup ...	(1) 0,10	(1) 0,29	(1) 0,41	(1) 0,11	(1) 0,30	(1) 0,32
Desvio-padrão	(0,00)	0,01	0,02	0,00	0,01	0,01
Escdomicmed ...	(1) 0,40	(1) 0,54	(1) 0,61	(1) 0,50	(1) 0,76	(1) 0,61
Desvio-padrão	(0,01)	0,02	0,03	0,02	0,04	0,02
Lrenddomic	(1) 1,12	(1) 1,37	(1) 0,86	(1) 0,93	(1) 1,14	(1) 0,96
Desvio-padrão	0,01	0,02	0,00	0,01	0,01	0,01
Nascmunic	0,95	0,98	(2) 1,08	(2) 0,88	0,96	(2) 0,93
Desvio-padrão	0,03	0,03	0,04	0,02	0,02	0,02
Filho	-	-	-	(1) 2,21	1,08	(1) 2,83
Desvio-padrão ..	-	-	-	0,09	0,05	0,12
Constante	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,01	(1) 0,00	(1) 0,00	(1) 0,00
Desvio-padrão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
N	132281	132281	132281	129825	129825	129825
Pseudo R2	0,2593	0,2593	0,2593	0,2921	0,2921	0,2921

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

(1) Significância a 1%. (2) Significância a 5%.

O número de pessoas na residência reduz a probabilidade de o indivíduo estar no grupo que trabalha ou que trabalha e estuda e incrementa a probabilidade de estar no grupo que nem trabalha nem estuda, com uma

magnitude maior para as mulheres. A relação positiva entre o número de pessoas e o número de crianças com a probabilidade de não trabalhar nem estudar já havia sido encontrada por Leme e Wanjman (2000).

A renda domiciliar aumenta a probabilidade de dedicação ao trabalho e ao estudo, quando o grupo de comparação é apenas dedicação ao estudo, sendo que, para os homens, esse coeficiente é mais importante. Quando é analisada a comparação dessa variável para a dedicação apenas ao trabalho, no caso masculino, há um incremento na probabilidade de dedicação ao trabalho, e o contrário ocorre para as mulheres. A renda tem uma relação negativa quando se observa a probabilidade de o indivíduo nem trabalhar e nem estudar, com uma redução maior para os homens.

Em termos da escolaridade máxima do domicílio, a magnitude segue a mesma para ambos os gêneros, em que uma maior escolaridade tem uma relação positiva com a dedicação exclusiva ao estudo. O fato de haver, no mínimo, uma pessoa com ensino superior completo na residência reduz a probabilidade de o indivíduo nem trabalhar nem estudar, sendo esse efeito mais forte para as mulheres. Esse resultado foi obtido também por Camarano e Kanso (2012) e por Corseuil, Santos e Foguel (2001), entre outros. Em termos da localização da residência, vê-se que morar em área urbana aumenta a probabilidade de trabalhar e estudar para os dois sexos. Quando se compara a opção de apenas trabalhar com apenas estudar, vê-se que, para os homens, morar em área urbana reduz a probabilidade de estar trabalhando, mas sem significância estatística, enquanto, para as mulheres, há um aumento da probabilidade de estar trabalhando. Com relação ao caso dos indivíduos que nem trabalham nem estudam, morar em área urbana reduz a probabilidade de estar nesse grupo, com uma redução maior entre os homens.

Agora será realizada a análise das variáveis individuais. Vê-se que a idade incrementa a probabilidade das alternativas ao estudo, com uma maior magnitude para o trabalho. Também se vê que, para o gênero masculino, esse aumento é mais importante. O fato de o indivíduo ser negro aumenta a probabilidade das alternativas ao estudo. De maneira semelhante ao caso em que os dois gêneros foram considerados conjuntamente, vê-se que as mulheres negras apresentam probabilidades levemente superiores às dos homens negros de estarem no grupo que apenas estuda, em relação às alternativas. Para ambos os sexos, há uma chance de estar no grupo dos que apenas trabalham ou no dos que nem estudam e nem trabalham. Essa menor probabilidade de indivíduos negros se dedicarem apenas ao estudo já havia sido obtida por Leme e Wanjman (2000).

A conclusão do ensino médio aumenta a probabilidade de dedicação apenas ao trabalho, com uma maior magnitude para as mulheres do que

para os homens. Esse fenômeno também ocorre quando se compara o caso de dedicação ao trabalho e ao estudo, sendo que, para os dois casos, há um incremento de probabilidade. Com relação aos indivíduos que nem trabalham e nem estudam, quando homens, o fato de terem concluído o ensino médio reduz a probabilidade de estarem nesse grupo, em relação à alternativa de apenas estudar, enquanto, entre as mulheres, o resultado é o inverso: há um aumento de chance de elas estarem nesse grupo. A conclusão do ensino superior aumenta a chance de dedicação às alternativas ao estudo. No caso das mulheres, há um incremento bastante forte da chance de estarem apenas trabalhando, sendo que o coeficiente dos homens é aproximadamente a metade. Esse coeficiente também é superior quando se compara a alternativa de trabalhar e estudar. Para o caso de nem trabalhar nem estudar, vê-se que ambos os gêneros têm uma maior chance de estarem nesse grupo ao concluírem o ensino superior, mas, no caso das mulheres, esse coeficiente é maior.

O casamento aumenta a probabilidade de dedicação ao trabalho em relação ao estudo, com uma maior magnitude para os homens, entre os quais o coeficiente é muito superior ao do das mulheres. Com relação à alternativa de trabalhar e estudar, o fato de ser casado aumenta muito a probabilidade de os homens se dedicarem a essa alternativa em comparação apenas ao estudo, e, para as mulheres, esse coeficiente reduz a probabilidade de estar trabalhando e estudando. Para o caso de nem trabalhar nem estudar, vê-se que o casamento aumenta a probabilidade de os indivíduos se encontrarem nesse grupo. No entanto, esse coeficiente é muito maior para as mulheres do que para os homens. Esse resultado pode indicar uma decisão familiar quanto à dedicação ao trabalho e ao estudo.

Ter filhos tem uma relação negativa com o estudo, sendo mais forte quando se compara o estudo com a alternativa de nem trabalhar nem estudar. De maneira semelhante ao caso do casamento, é possível que a decisão tenha sido realizada pelo casal quanto à dedicação às atividades de casa ou não. Esse perfil de mulheres casadas que têm filhos, que nem trabalham nem estudam, foi obtido por Tillmann e Comim (2014). O nascimento no município tem uma relação positiva com a probabilidade de nem trabalhar nem estudar, o que contrasta com o resultado encontrado para as mulheres. Há também uma redução da probabilidade de trabalho para as mulheres, sendo que esse resultado é obtido também para os homens, mas sem significância estatística.

A análise de acordo com o gênero mostra que, apesar da diferença entre alguns coeficientes, em geral, há bastante homogeneidade quanto ao sinal dos coeficientes. Quanto à magnitude, em alguns casos, há uma discrepância bastante grande, como é o caso do casamento.

6 Conclusão

O objetivo deste artigo foi verificar os fatores relacionados com a alocação do tempo entre estudo, trabalho, estudo e trabalho ou nenhum dos dois. Esse assunto passou a ser relevante a partir do Censo de 2010 e também da análise preliminar de Camarano e Kanso (2012). Nesse sentido, o presente trabalho buscou verificar se há diferenças entre o caso do Rio Grande do Sul e o do Brasil. Foram utilizados os microdados de indivíduos do **Censo demográfico 2010** e um modelo multinomial, visando entender quais eram os fatores mais importantes na decisão de trabalhar e de estudar.

Foi escolhida a faixa etária entre 18 e 29 anos, diferindo de alguns estudos que já foram realizados na literatura para idades menores (MENEZES FILHO *et al.*, 2002). O perfil etário foi similar ao utilizado por Camarano e Kanso (2012) e idêntico ao de Tillmann e Comim (2014). Com base nas estatísticas descritivas, pode-se observar que o grupo de indivíduos que nem trabalham e nem estudam tem uma menor taxa de conclusão dos ensinos médio e superior, em termos tanto dos indivíduos quanto dos domicílios.

Com relação aos outros três grupos, os domicílios com maior escolaridade são aqueles onde os indivíduos apenas estudam ou trabalham e estudam. Esse é um aspecto em que o presente trabalho se diferencia da literatura em questão, que leva em conta apenas a educação dos pais. Também se percebe que os indivíduos com maior educação formal estão no grupo dos que apenas trabalham ou que trabalham e estudam. Com relação aos rendimentos, verificou-se que o grupo daqueles que nem trabalham nem estudam apresenta a menor renda média, que é bastante inferior a dos demais grupos.

Quanto aos resultados obtidos, vê-se que as mulheres têm uma maior probabilidade de estarem no grupo que apenas estuda, o que é condizente com a literatura. Além disso, o fato de os negros apresentarem uma menor participação no grupo que apenas estuda também já foi obtido em trabalhos anteriores. O estado civil e a idade aumentam a probabilidade de os indivíduos estarem apenas trabalhando, trabalhando e estudando ou nem trabalhando nem estudando. No entanto, a idade tem uma influência maior quanto à opção pelo trabalho, enquanto o casamento leva os indivíduos a optarem mais vezes por apenas trabalhar, no caso de homens, e de nem trabalhar nem estudar, no caso das mulheres. Essas decisões que diferem de acordo com o gênero podem estar ligadas a uma escolha do casal, extrapolando a decisão individual. Essa hipótese é reforçada quando se observa que o fato de ter filhos incrementa todas as alternativas ao estudo, porém, com maior força, aquela de nem trabalhar nem estudar.

As variáveis domiciliares apresentam o sinal esperado: um maior número de crianças no domicílio reduz a probabilidade de dedicação ao estudo, com um enfoque maior para a opção de apenas trabalhar. A residência em área urbana está relacionada com uma maior probabilidade de os indivíduos nem trabalharem nem estudarem. Os rendimentos reduzem a probabilidade de o indivíduo estar no grupo que nem trabalha e nem estuda, e a educação também. Sendo assim, vê-se que o mesmo perfil que existe para o Brasil ocorre no Rio Grande do Sul. É importante realizar um desenho de políticas públicas que leve em conta essa informação e focalize esses indivíduos, que geralmente têm menor escolaridade e residem em domicílios de menor renda, visando a ampliar seu acesso ao mercado de trabalho e à educação.

O objetivo deste artigo era analisar os indivíduos jovens nas suas decisões de trabalho e estudo para o Rio Grande do Sul. Ao realizar esse recorte geográfico, é possível verificar que não existem distinções muito grandes entre os indivíduos nas suas escolhas de trabalho e estudo neste Estado em relação ao Brasil, indicando que o perfil daqueles que nem trabalham nem estudam no Brasil pode ser utilizado como base para o caso específico do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, as sugestões de políticas públicas que visem a retirar os jovens dessa situação podem ser realizadas utilizando-se o recorte nacional.

Referências

BECKER, G. A theory of the allocation of time. **The Economic Journal**, Oxford, v. 75, n. 299, p. 493-517, 1965.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 15 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório educação para todos no Brasil 2000-2015**: versão preliminar. Brasília, DF, 2014.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram emprego? **Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise, Brasília, DF, ano 17, n. 53, p. 37-44, 2012.

CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. **Microeconometrics**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

COLES, B. *et al.* **Estimating the life-time cost of NEET: 16-18 years old not in education, employment or training.** [York]: The University of York, 2010.

COLES, B. *et al.* **Literature review of the costs of being 'not in education, employment or training' at age 16-18.** [Nottingham]: Department for Education and Skills, 2010a. (Research Report, n. 347).

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. N. **Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. (Texto para Discussão, n. 797).

CURY, C. R. J.; FERREIRA, L. A. M. Obrigatoriedade da educação das crianças e adolescentes: uma questão de oferta ou de efetivo atendimento? **Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente**, v. 17, n. 18, p.124-145, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra/resultados_gerais_amostra_tab_uf_microdados.shtm>. Acesso em: 20 mar. 2016.

LEME, M.; WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/trat19_5.pdf>. Acesso em 12 mar. 2015.

MENEZES-FILHO, N. *et al.* **Adolescents in Latin America and the Caribbean: examining the time allocation decisions with cross-country micro data.** Washington, DC: Inter-American Development Bank, 2002. (Research Network Working Paper, n. R-470).

PARDO, M. S. Jóvenes que ni estudian ni trabajan: un riesgo para la cohesión social en América Latina. In: DAMMENT, L. *et al.* (Org.). **Violência y cohesión social en América Latina.** Santiago: Uqbar, 2012. p. 163-208. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/120330/Violencia_Cohesion_Social_America_Latina_LIBRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mar. 2016.

TILLMANN, E.; COMIM, F. **Fatores de determinação do tempo entre trabalhar e estudar dos jovens no Brasil**. [Porto Alegre]: UFRGS, 2014. (Texto para Discussão UFRGS, n. 34).